

O Avesso
do Cotidiano

Sérgio Telles

O Averso
do
Cotidiano

Copyright © 2014 by SÉRGIO TELLES

Todos os direitos desta edição reservados à Zagodoni Editora Ltda.
Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja qual for o meio, sem a permissão prévia da Zagodoni.

EDITOR

Adriano Zago

REVISÃO

Marta D. Claudino

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Givaldo Fernandes

IMAGEM DA CAPA

Kristen Slye Smith

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

T276a

Telles, Sérgio

O avesso do cotidiano / Sérgio Telles. - 1. ed. - São Paulo :
Zagodoni, 2014.

134 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-64250-83-3

1. Psicanálise. I. Título.

14-12266

CDD: 150.195

CDU: 159.964.2

Apresentação

Em meados de 2006 fui convidado por José Márcio Mendonça para participar do programa de entrevistas “Palavra de quem decide”, da Rádio Eldorado de São Paulo, do qual ele era o apresentador.

Eu deveria escrever sobre fatos do dia a dia, procurando vê-los sob uma óptica psicanalítica. Essas pequenas crônicas, às quais dei o nome de “O Avesso do Cotidiano”, alternando com as realizadas pela produtora cultural Alessandra Meleiro, eram inseridas entre as entrevistas comandadas por Mendonça. Assim, de novembro de 2006 a setembro de 2009, escrevi semanalmente um texto que eu mesmo gravava para ir ao ar nas manhãs de sábado.

Recentemente, ao organizar meus arquivos de computador, deparei-me com o conjunto de crônicas e, ao lê-las, percebi que elas não haviam perdido a validade. Se os fatos eram necessariamente datados, o mesmo não acontecia com os comentários, que procuravam captar aspectos mais abrangentes e atemporais da condição humana. Ao mesmo tempo, foi interessante reencontrar fatos que então ocupavam espaço na mídia e constatar os desdobramentos que tiveram. Os escândalos políticos, por exemplo, só recrudesceram desde então, possível causa das Manifestações de Junho de 2013, inesperado acontecimento de extraordinária importância, que auspiciosamente pôs fim ao longo período de apatia e indiferença do povo frente aos desmandos de seus representantes.

A sequência das crônicas tenta seguir uma ordem cronológica. Fizemos, em parceria com a equipe da Zagodoni Editora, pequenas adaptações em algumas frases, datas ou palavras, visando deixar os textos mais fluidos para o leitor.

Espero que tenham uma boa leitura!

ZAGODONI EDITORA LTDA.

Rua Brig. Jordão, 848
04210-000 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 2334-6327
contato@zagodoni.com.br
www.zagodoni.com.br

Sumário

Guardar velharias	11
Vida e arte	12
Preconceito	13
Depois das eleições, com Hanna Arendt	14
Distorções da percepção	15
Direito de morrer	16
Consumo natalino	17
Ano Novo	18
Passaportes	19
A “bispa”	20
Bruna Surfistinha	21
Pérolas para o rio Tietê	22
Os que se esbaldam com o carnaval	23
Narcisismo e poder	24
Violência e maldade	25
Mídia e violência	26
Roubo de gravatas	27
Darwin e o Papa	28
O <i>loser</i> de Virginia	29
Propaganda e publicidade	30
Poder Judiciário e Kafka	31
Pílulas de Frei Galvão	32
Escândalos: insetos grandes e fortes	33
“Relaxem e gozem”	34
Pais	35
Grande desastre aéreo	36
Bergman e Antonioni	37
“Persona” e “Gritos e Sussurros”, de Bergman	38
“O Segredo”	39
Herdeiros	40
Mentira e discurso político	41
Escândalos: bolsa família	42
“Cidadão israelita neonazista”	43
Escândalos: “ditadura da mídia”	44
O relógio de Luciano Huck	45
A propósito do Dia dos Médicos	46
Padre Júlio Lancellotti	47

Fratricídio	48
Comprando roupas	49
Atração fatal	50
Grandes mudanças	51
Atribulações no Natal	52
Mudando o visual	53
Hóspedes incômodos	54
Existe a fibromialgia?	55
Medicalização excessiva	56
Carnaval	57
Carnaval e despreocupação	58
Posições da Igreja	59
Cigarro e álcool	60
Fidel, 49 anos no poder	61
Mentir para os pais	62
O livro póstumo de Nabokov	63
Wikipedia	64
Abusos contra crianças	65
Culinária muito especial	66
O caso Isabella Nardoni	67
São Paulo na “Vanity Fair”	70
Transposição do rio São Francisco	71
O inacreditável monstro austríaco	72
Ronaldo e os travestis	73
Antecedentes literários do monstro austríaco	74
Video games	75
Publicidade	76
A mulher do charuto	77
Laboratórios farmacêuticos e diagnósticos psiquiátricos na infância	78
Sebald, um grande escritor	80
Ficha suja dos políticos e <i>accountability</i>	81
Cães e a cultura	82
Não desistir de ler jornais	83
Retorno da religião	84
Psicanálise ontem e hoje	85
“A Questão Humana” (<i>La Question Humaine</i>), de Nicolas Klotz	86
As esquisitices de João Gilberto	88
Horário eleitoral	89
Chiste e horário eleitoral	90
“Linha de Passe”, de Walter Salles	91
Crises financeiras	93
Sarah Palin	94
Bernard-Henri Lévy e Michel Houellebecq	95
Nudez no teatro	96
Bienal de Arte	97
Barack Obama eleito	99
Vergonha de ser brasileiro	100
Woody Allen em Barcelona	101
Jornalistas ou humoristas?	102
Psiquiatria a serviço do poder	104
A encíclica <i>Dignitas Personae</i> e questões éticas	105
Festividades do final do ano	106
Uma mensagem de Natal	107
Na passagem do ano	108
Sebald e o conflito entre palestinos e israelenses	109
Roger Abdelmassih e suas práticas	110
Direito de morrer	111
O castelo do corregedor	112
Protecionismo	113
Escolas superiores transformam o ensino em produto de consumo	114
Enchentes	115
Sobre o consumo	116
O que pensar sobre o sexo casual?	117
O governo Obama	118
Considerações sobre o Primeiro de Maio	119
Desconfiança	120
“Anjos e Demônios”, de Ron Howard	121
Comentários econômicos na imprensa	122
Desastre da Air France	123
Sarneylândia	124
Neda Agha-Soltan no YouTube	125
Acidente da TAM, anos depois	126
Michael Jackson – um pequeno tributo	127
O futuro chegou	128
Pandemia	129
Operación Pandemia	130
Questão de linguagem	131
O médico e o monstro	132
Democracia efetiva	133
Incisões no corpo	134

Guardar velharias

Há tempos surgiu uma notícia de que, incomodados pelo mau cheiro vindo de uma determinada casa, os vizinhos solicitaram a intervenção dos poderes públicos.

Constatou-se então que a velha senhora que ali morava havia coletado, no correr dos anos, uma quantidade inconcebível de lixo. Toneladas de detritos estavam acumuladas nos diversos aposentos da residência.

Descoberto o fato, considerou-se que tal comportamento decorria de uma enfermidade mental e as providências necessárias foram tomadas.

O estado senil da velha senhora levou a extremos uma característica comum a muita gente: a mania de guardar coisas sem uso, a dificuldade em se desfazer de tralhas e velharias que entulham armários e prateleiras, o não querer jogar fora coisas que um dia tiveram alguma utilidade.

Retemos conosco essas coisas pelo que elas representam para nós, pelas lembranças que nelas estão embutidas. Relutamos em nos desfazer dos objetos, por sabermos que, provavelmente, com eles iriam a memória, as recordações das quais eles dão o testemunho.

Ao ler a notícia da velha que acumulava lixo, cheguei em casa e finalmente tive coragem de jogar fora alguns trastes, entre eles uma antiga borracha de apagar que tinha sido de minha tia e que usei ainda no primário, quando escrevia a lápis e era preciso fazer muitas correções na minha escrita – sem querer dizer com isso que hoje seja muito diferente. Era uma daquelas borrachas metade vermelha, metade azul, com uma tira fininha branca no meio. Era tão velha que há muito perdera toda flexibilidade, estava dura que nem um pau e não apagava mais nada.

Agora que dela me desfiz, espero não esquecer tudo aquilo que nela estava contido e que por tantos anos me fez guardá-la: a infância, o dever de casa, a casa de minha avó, minha tia querida.

Vida e arte

Em meados de outubro de 2006, foi notificado um fato chocante ocorrido na Áustria: o aparecimento de uma jovem que fora sequestrada oito anos antes, quando tinha 10 anos de idade. Ela fora mantida prisioneira num aposento secreto escavado na casa de seu sequestrador, que se suicidou ao constatar sua fuga.

Por que um homem iria sequestrar uma menina e mantê-la prisioneira por tanto tempo?

De imediato se vê que não se trata de um caso comum de pedofilia. Também não se trata de um sequestro vulgar, pois ele não visava o dinheiro do resgate.

O que ele queria era a posse da vítima, da menina que manteve aprisionada por oito anos.

Como entender a conduta bizarra deste sequestrador?

Podemos pensar que ele estabelece uma relação de total e mútua dependência com a sequestrada. Ela depende integralmente dele para se manter viva e ele também tem sua vida centrada na presença clandestina de sua vítima, pela qual deve zelar.

Recria-se, desta maneira, um tipo de relacionamento cujas características lembram muito a relação simbiótica primária que se estabelece entre um bebê e sua mãe.

Por que faria isso? Uma hipótese é que o sequestrador, enquanto bebê, teria vivido de forma tão traumática a relação primária com sua mãe que se vê compelido a recriá-la de forma invertida. Não está mais no lugar do bebê desamparado – lugar que é ocupado agora pela sequestrada – e sim no lugar da mãe que tudo pode.

Ele estaria fixado a esse momento de sua constituição como sujeito e sua atuação criminosa teria sido a única forma que encontrou para driblar seus intensos conflitos mentais que poderiam ocasionar um mergulho fatal na psicose, na loucura. Pena que, para tanto, uma garota de 10 anos tenha tido de passar tamanha provação, ser sua prisioneira por tão longo tempo.

Como ocorre muitas vezes, a vida imita a arte.

Há um filme de William Wyler de 1965, chamado *O Colecionador*, baseado num romance de John Fowles, com Terence Stamp e Samantha Eggar, que conta uma história semelhante a esse triste episódio ocorrido em Viena.

Preconceito

Dois homens foram acusados por crime de racismo ao serem pegos colando cartazes com críticas ao programa de vagas para afrodescendentes nas universidades públicas.

Segundo a polícia, os cartazes incitavam à discriminação contra os negros. Divulgados no site de um grupo neonazista, os cartazes diziam que os negros “roubam” as vagas dos brancos.

Sem entrar no mérito da política de vagas para afrodescendentes, o que nos interessa nesse episódio é a questão do preconceito.

Se eu perguntar a você, caro(a) leitor, se tem algum preconceito, é bem possível que você responda que não.

É assim mesmo. Na maioria das vezes, as pessoas mais bem informadas negam ter qualquer preconceito.

Já as mais simples, expressam clara e diretamente ideias preconceituosas, embora não as reconheçam como tal. Para elas, tais ideias não são preconceitos. São evidências, opiniões baseadas em fatos, experiências em que dão fé.

Entretanto, o mais provável é que todos tenhamos nossos preconceitos, pois eles estão intimamente ligados a processos e mecanismos psíquicos presentes em todos nós, como o narcisismo e a projeção.

O narcisismo exige de mim a perfeição e não admite que eu tenha nenhuma falha ou defeito. Elas não são toleradas e têm de ser eliminadas. É aí que entra em cena a projeção.

A projeção consiste em expelir de mim e depositar numa outra pessoa (ou instituição) tudo aquilo de que não gosto ou suporto em mim mesmo. Feita a projeção disso que rejeito em mim mesmo, passo a desconsiderar, desprezar e, em casos extremos, querer eliminar a pessoa sobre quem fiz a projeção.

O preconceito consiste nisso – o ódio e a intolerância contra aqueles nos quais eu mesmo depus tudo aquilo que é inaceitável em mim mesmo. É comum que os preconceitos se manifestem de forma coletiva, quando grupos sociais são escolhidos como depositários dessa projeção: negros, homossexuais, nordestinos, as diversas etnias minoritárias da comunidade, etc.

A melhor maneira de combater o preconceito é não negá-lo. Somente reconhecendo sua existência, podemos analisá-lo, compreendê-lo e combater sua irracionalidade.

Assim, da próxima vez que lhe perguntarem se você tem preconceitos, pense bem, localize onde eles estão escondidos e os examine com cuidado.

É a única forma de neutralizá-los.